

Elas são mais felizes que os homens

Segundo a FGV, nível de educação garante maior satisfação às brasileiras

O Brasil é tetracampeão em felicidade no ranking de uma pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em parceria com a consultoria Gallup, na qual a Síria aparece em último lugar. Feita com cerca de 200 mil pessoas em 158 países, a pesquisa realizada em 2011 buscou saber a expectativa de felicidade das pessoas nos próximos cinco anos e também no presente. O Brasil vence nos dois e as mulheres, que hoje comemoram o seu dia, aparecem com destaque.

Depois do Brasil, no quesito países mais felizes aparecem Panamá, Costa Rica, Colômbia, Qatar, Suíça e Dinamarca.

Segundo Marcelo Neri, economista da FGV, o termômetro da satisfação das pessoas com as suas vidas é um instrumento útil para a formulação de políticas públicas.

Entre os brasileiros, a pesquisa constatou também que as mulheres são mais felizes que os homens, o que Neri atribui ao maior nível de educação conquistada pelas mulheres nos últimos anos.

De acordo com Neri, a edu-

Dilma sanciona lei sobre salários na próxima terça

A presidente Dilma Rousseff vai ao Congresso na próxima terça-feira participar de sessão solene em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, comemorado hoje. Segundo a senadora Vanessa Grazziotin

(PCdoB-AM), Dilma vai sancionar durante a sessão o projeto aprovado antontem pelo Senado que equipara os salários das mulheres aos dos homens quando ambos ocuparem as mesmas funções na empresa. (Folhapress)

cação traz felicidade porque se traduz em renda e, consequentemente, em uma vida melhor.

Numa escala de 1 a 10, as mulheres brasileiras tiveram uma média de felicidade de 8,98, contra 8,56 dos homens na expectativa de futuro, e de 6,73 contra 6,54 no presente. Neri mostrou que a partir de 1999 a média de educação entre as mulheres superou a dos homens, hoje em uma relação de 7,37 (mulheres) e 7,16 (homens), e a renda por

outras vias que não o trabalho (Bolsa Família, aposentadoria) teve um incremento muito maior na ala feminina.

Entre 2001 e 2009, a renda obtida fora do trabalho cresceu 21% entre os homens, enquanto as mulheres tiveram incremento de 47%.

A renda salarial das mulheres porém continua 42% abaixo dos homens, uma diferença que já foi bem maior anos atrás. No auge da diferença, em 1995, o salário médio do homem era de R\$ 631,32, três

vezes o da mulher, de R\$ 216,42. Em 2009, essa diferença caiu para R\$ 658,65 (homens) contra R\$ 312,71 (mulheres). Outra constatação da pesquisa é de que as mulheres solteiras são mais felizes que as casadas no mundo inteiro, mas o índice cai à medida que a mulher envelhece.

Representatividade

Apesar dos reais progressos nos últimos 20 anos, as mulheres ainda são menos remuneradas do que os homens, menos representadas em cargos de responsabilidade, mesmo com mais qualificações e assumindo a maioria das tarefas domésticas, segundo o National Institute for Statistics and Economic Studies (Insee), da França. Mesmo assim, atualmente, as mulheres estão muito mais presentes no mercado de trabalho: eram 59% de mulheres ativas em 1990 e 66% em 2010 (75% de homens), observa o estudo, publicado por ocasião do Dia Internacional da Mulher. (Folhapress e France Press)